**TESTE 6 *CÂNTICOS DO REALISMO*, CESÁRIO VERDE Unidade 5**

**TEXTO**

**De verão**

**I**

No campo; eu acho nele a musa que me anima:

1

35

40

45

50

55

60

1

5

10

15

20

25

30

A claridade, a robustez, a ação.

Esta manhã, saí com minha prima,

Em quem eu noto a mais sincera estima

E a mais completa e séria educação.

**II**

Criança encantadora! Eu mal esboço o quadro

Da lírica excursão, de intimidade,

Não pinto a velha ermida com seu adro;

Sei só desenho de compasso e esquadro,

Respiro indústria, paz, salubridade.

**III**

Andam cantando aos bois; vamos cortando as leiras**1**;

E tu dizias: «Fumas? E as fagulhas?

Apaga o teu cachimbo junto às eiras**2**;

Colhe-me uns brincos rubros nas gingeiras!

Quanto me alegra a calma das debulhas**3**!»

**IV**

E perguntavas sobre os últimos inventos

Agrícolas. Que aldeias tão lavadas!

Bons ares! Boa luz! Bons alimentos!

Olha: os saloios vivos, corpulentos,

Como nos fazem grandes barretadas**4**!

**V**

Voltemos. Na ribeira abundam as ramagens

Dos olivais escuros. Onde irás?

Regressam rebanhos das pastagens;

Ondeiam milhos, nuvens e miragens,

E, silencioso, eu fico para trás.

**VI**

Numa colina azul brilha um lugar caiado.

Belo! E arrimada ao cabo da sombrinha,

Com teu chapéu de palha, desabado,

Tu continuas na azinhaga; ao lado

Verdeja, vicejante, a nossa vinha.

[………………………………………………..]

**X**

Exótica! E cheguei-me ao pé de ti. Que vejo!

No atalho enxuto, e branco das espigas,

Caídas das carradas no salmejo**5**.

Esguio e a negrejar em um cortejo,

Destaca-se um carreiro de formigas.

**XI**

Elas, em sociedade, espertas, diligentes.

Na natureza trémula de sede,

Arrastam bichos, uvas e sementes

E atulham, por instinto, previdentes,

Seus antros**6** quase ocultos na parede.

**XII**

E eu desatei a rir como qualquer macaco!

«Tu não as esmagares contra o solo!»

E ria-me, eu ocioso, inútil, fraco,

Eu de jasmim na casa do casaco**7**

E de óculo deitado a tiracolo!

**XIII**

«As ladras da colheita! Eu, se trouxesse agora

Um sublimado corrosivo, uns pós

De solimão**8**, eu, sem maior demora,

Envenená-las-ia! Tu, por ora,

Preferes o romântico ao feroz.

**XIV**

Que compaixão! Julgava até que matarias

Esses insetos importunos! Basta.

Merecem-te espantosas simpatias?

Eu felicito suas senhorias,

Que honraste com um pulo de ginasta!»

**XV**

E enfim calei-me. Os teus cabelos muito loiros Luziam, com doçura, honestamente;

De longe o trigo em monte, e os calcadoiros**9**, Lembravam-me fusões de imensos oiros,

E o mar um prado verde e florescente.

Cesário Verde, *Cânticos do Realismo*

**1.** rego feito na terra pelo arado; **2.** terreiro, por vezes de pedra, onde se descascam e secam os cereais; **3.** trabalho agrícola que consiste em tirar os grãos de cereal da espiga; **4.** saudação, tirando o chapéu em sinal de respeito; **5.** ação de carregar os cereais para a eira; **6.** esconderijos; **7.** de flor de jasmim na lapela; **8.** veneno; **9.** eiras cobertas de cereal.

**GRUPO I**

**EDUCAÇÃO LITERÁRIA**

**Apresenta as respostas de forma bem estruturada.**

* 1. **«**No campo; eu acho nele a musa que me anima: / A claridade, a robustez, a ação.» (vv.1 e 2)

Confirma, com elementos do texto, cada uma das três características que o sujeito poético encontra no campo por ele percorrido.

* 1. Explica de que forma, na sua deambulação, o sujeito poético reage à realidade observada, revelando o seu modo de ser urbano e prático.
  2. Comenta a estrofe II, referindo e interpretando dois recursos expressivos nela presentes.
  3. Caracteriza a personagem feminina que acompanha o sujeito no seu passeio pelo campo e que é por ele obser- vada, tal como a Natureza.

**GRUPO II**

**LEITURA / GRAMÁTICA**

**TEXTO**

**O turista do século XXI**

Mesmo a paisagem natural deve a sua existência a incessantes viagens que não supomos. O paisagista Gilles Clément ajuda-nos a ver, por exemplo, como todos os jardins são espaços em movimento. As plantas, que parecem signos imóveis, na verdade viajam. As suas sementes foram trazidas por ventos, por correntes marítimas, chegaram na sola das sandálias de um viajante descuidado, na pele dos animais. Foram introduzidas de forma deliberada ou puramente casual. O metrosídero provém da Nova Zelândia. A tipuana e o jacarandá da América do Sul. A árvore da borracha deriva de uma vasta região que se estende desde o subcontinente indiano até à Malásia e à Indonésia. A estrelícia tem origem na África do Sul. Se pensarmos bem, qualquer inofensivo jardim é, no fundo, uma espécie de mapa-múndi.

1

5

10

15

20

Ainda assim, quando pensamos na ideia de viagem, pensamo-la fundamentalmente como atividade humana. Pode dizer-se que a primeira viagem foi realizada pelo primeiro homem que habitou a terra, de tal modo viajar se tornou sinónimo deste *homo viator* que, há milhares e milhares de anos, somos. Sem dúvida que na aurora dos tempos a viagem era uma deslocação funcional e ligada à luta pela sobrevivência. O homem deixava o seu refúgio e atravessava o mundo em busca de alimento e de condições mais estáveis. Mas é impossível que o caçador primitivo não sentisse espanto e prazer com a pura descoberta da terra. Ou que o pastor nas suas deambulações sazonais, em busca de pasto, não se afeiçoasse à suavidade ou à beleza de uns lugares mais do que doutros. Ou que aqueles que desenharam pequenas figuras nas paredes das grutas onde habitavam não o fizessem para assinalar também aquilo que lhes enchia os olhos e o coração, mesmo que o seu assombro não estivesse isento de incompreensão e terror. Onde existe o ser humano, existe a memória e a paixão da viagem.

Contudo, cada época reconfigura, a seu modo, o ideal de viagem. Penso, por exemplo, na distinção entre turista e viajante ou na diferenciação entre este e o peregrino. O escritor Paul Bowles dizia que o turista

e o viajante se distinguem pela experiência que fazem do tempo, apressada a do turista, lenta a do viajante: «Enquanto o turista volta a correr para casa ao cabo de semanas ou meses, o viajante não pertence a um lugar mais do que a outro». Distinção semelhante se fazia entre a viagem profana de qualquer viajante, espraiando o seu deambular pelo mundo, mas sem um concreto objetivo de transformação pessoal, e a itinerância levada a cabo por um peregrino, que investe a sua viagem de um sentido sagrado e transformante. Hoje, porém, o que constatamos é que essas distinções se atenuaram e que cada viajante, mesmo acidental, tem a expetativa de que, de uma forma ou de outra, a sua viagem represente um ato humano total: que uma viagem de negócios permita também um contacto cultural; que uma viagem de lazer acrescente alguma coisa de significativo ao conhecimento; que uma excursão massificada viabilize uma qualquer singularidade inesquecível. Falando em termos antropológicos a viagem contemporânea tornou-se uma forma de exposição à procura de sentido. Será isso possível?

25

30

35

Custa, obviamente, aproximar o turista do século XXI a Marco Polo. Ou comparar, sem ironia, as suas motivações com as do patriarca Abraão ou do monge chinês Xuangzang, que viveu no século   
VII a. C. e foi um dos primeiros humanos a escrever um relato de viagem. Mas não deixa de ser verdade que os milhões de humanos que se apinham nos aeroportos em direção aos chamados «destinos turísticos» partilham um património simbólico com os verdadeiros viajantes. E talvez valesse a pena partir mais vezes daí.

José Tolentino Mendonça, *in Expresso – Revista E,* 30.01.2016.

**Para responder a cada um dos itens de 1. a 7., seleciona a única opção que permite obter uma afirmação correta.**

1. De acordo com o primeiro parágrafo do texto, toda a paisagem, mesmo a natural, «deve a sua existência a inces- santes viagens», uma vez que:
   1. a paisagem foi sendo modificada pelos viajantes.
   2. as sementes das plantas viajaram através do vento, da água, e transportadas voluntária ou involuntaria- mente, por homens e animais.
   3. as sementes foram-se transformando, de acordo com os lugares onde germinaram.
   4. mesmo os jardins são espaços em constante movimento, devido à deslocação de pessoas e animais.
2. O exemplo das plantas enumeradas no primeiro parágrafo tem como finalidade
   1. ilustrar a tese anteriormente apresentada.
   2. mostrar casos de plantas que viajaram sozinhas de umas regiões para outras.
   3. mostrar que as plantas que conhecemos não são imóveis, mas têm uma origem geográfica determinada.
   4. comprovar os estudos do paisagista Gilles Clément.
3. Com a expressão **«**qualquer inofensivo jardim é, no fundo, uma espécie de mapa-múndi». (ll. 7-8) o autor pretende mostrar que
   1. os jardins, com os seus canteiros, se assemelham a um mapa-múndi.
   2. os jardins contêm espécies de todo o mundo.
   3. os jardins contêm espécies de muitos lugares do mundo.
   4. os jardins ensinam-nos a localizar as plantas no mundo.
4. No segundo parágrafo, o autor defende a ideia de que o homem primitivo, que já viajava, o fazia
   1. por uma questão de sobrevivência, conseguindo alimentos e segurança.
   2. por uma questão de sobrevivência, conseguindo escapar aos perigos que o ameaçavam.
   3. por uma questão de sobrevivência, conseguindo, assim, alimentos, abrigo e mudança de *habitat*.
   4. por uma questão de sobrevivência, conseguindo segurança e alimento material e espiritual.
5. Hoje, a diferença entre *turista*, *viajante* e *peregrino*
6. cada vez é mais acentuada, pois cada um deles tem o seu conceito e objetivo de viagem.
7. cada vez se atenua mais, pois todos eles desejam conhecer lugares nunca antes visitados.
8. é acentuada pelo ideal de viagem que cada um deles tem em mente, mas aproxima-se pela procura de sentido da viagem comum a todos eles.
9. é acentuada pela vivência do tempo da viagem de cada um deles.
10. No último parágrafo, o autor
11. reafirma a ideia do parágrafo anterior.
12. retoma e esclarece a ideia do parágrafo anterior.
13. retoma e conclui a tese apresentada ao longo do texto.
14. refuta a ideia apresentada no parágrafo anterior.
15. Este texto é, predominantemente, um artigo de opinião, porque apresenta
16. um ponto de vista, que integra argumentos claros e pertinentes, acompanhados de exemplos, apresenta juízos de valor e está organizado segundo uma estrutura lógica.
17. um caráter persuasivo, recorrendo à eloquência oratória e utilizando argumentação emocional.
18. um caráter expositivo, sendo predominantemente informativo e demonstrativo, com uma clara dimensão de objetividade.
19. um ponto de vista, tem um caráter de relato da realidade, transmitindo informação objetiva.

**Responde de forma correta aos itens apresentados.**

1. «homo Viator» (homem viajante) é uma das diversas expressões latinas que integram o elemento HOMO e que subsistem em português.

Indica dois outos exemplos que conheças, nomeadamente do estudo da Pré-História.

1. Documenta e justifica o uso reiterado de palavras do campo lexical da botânica, no primeiro parágrafo do texto e de viagem, no segundo parágrafo.
2. «Mesmo a paisagem natural deve a sua existência a incessantes viagens que não supomos.» (l. 1) Refere a função sintática da oração subordinada adjetiva relativa introduzida por «que».

**Grupo III**

**ESCRITA**

«Cada vez mais pessoas passam demasiado tempo imersas no mundo virtual das redes sociais da internet, agarradas obsessivamente ao computador, procurando a sua autorrealização. Mas julgo que este caminho é enganador e não ajuda ao crescimento individual, nem à aquisição de uma verdadeira aprendi- zagem social. O mundo real é muito mais rico, profundo, e valioso do que o mundo virtual. É motivo para dizer “viva cá fora, não se refugie lá dentro”.»

Pedro Afonso (médico psiquiatra), in *Observador,* 10.03.2016

* Partindo desta reflexão, elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras, em que apresentes o teu ponto de vista sobre **a utilização obsessiva das redes sociais**.

Não deixes de apresentar pelo menos dois argumentos, que fundamentem as tuas observações e exemplos signi- ficativos.

**COTAÇÕES**

**Grupo I**

1. 25 pontos

2. 25 pontos

3. 25 pontos

4. 25 pontos

**100 pontos**

**Grupo II**

1 .................................... 5 pontos

2 .................................... 5 pontos

3 .................................... 5 pontos

4 .................................... 5 pontos

5 .................................... 5 pontos

6 .................................... 5 pontos

8 .................................... 5 pontos

9 .................................... 5 pontos

10 .................................... 5 pontos

**50 pontos**

**Grupo III**

Estruturação temática

e discursiva 30 pontos

Correção linguística 20 pontos

**50 pontos**

**TOTAL................................... 200 pontos**